

FANTÁSTICA FÁBRICA DE BRINQUEDOS COM SUCATA: PRÁTICAS DE LETRAMENTO NO COTIDIANO DE UMA CRIANÇA DA PERIFERIA DE ALVORADA¹

Taís Justo Gomes²

RESUMO

Este trabalho visa observar, descrever e analisar como as práticas de letramento são vividas fora do ambiente escolar por uma criança do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola de periferia do município de Alvorada/RS. A fundamentação teórica que subjaz à análise apresentada está baseada nos estudos de letramento, que entendem letramento como o uso efetivo da tecnologia da escrita em práticas sociais. (SOARES, 2003). Para a efetivação desta pesquisa foi feita uma observação participante do ambiente familiar na residência da criança. Utiliza-se como fonte de coleta de dados anotações feitas a partir de uma conversa informal com a aluna, documentos da escola, anotações realizadas da observação na residência da criança, entrevista semiestruturada com os integrantes da família e registro fotográfico. Através da análise dos dados coletados, pode-se concluir que as práticas de letramento de Laura são vivenciadas em diversas agências de letramento e são bem variadas, vão desde práticas simples do dia a dia, como ler rótulos quando vai ao mercado fazer compras com a mãe, até a leitura de livros quase que diariamente.

Palavras-chave: Alfabetização e Letramento. Práticas de Letramento. Agências de letramento

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, são apresentados resultados de uma pesquisa de caráter exploratório e inicial cujo objetivo foi analisar as práticas de letramento vividas fora do

¹ Artigo orientado pela Profª Dra. Luciene Juliano Simões e apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização *Latu Sensu* Alfabetização e Letramento nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Dez/2013.

² Licenciada em Matemática pelo Centro Universitário Metodista, do IPA. E-mail: tais.justo@yahoo.com.br

ambiente escolar por uma criança do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola de periferia do município de Alvorada/RS.

Ao pensar no tema da minha pesquisa, as práticas de letramento fora do ambiente escolar, deparei-me com uma questão a decidir: pesquisar as práticas de letramento de uma criança que faz parte da turma em que leciono ou de uma criança do bairro em que moro? Depois de muito pensar e refletir sobre o que teria mais importância e/ou traria mais resultado como pesquisadora e professora optei por pesquisar sobre as práticas de letramento de algum aluno ou aluna da minha turma, pois “o sucesso do letramento escolar depende da capacidade do professor de conhecer e se relacionar com práticas não-escolares de letramento construídas por outros agentes em outras instituições ou agências de letramento, que podem ser até mais bem-sucedidas no processo de introdução na cultura letrada” (KLEIMAN; MATÊNCIO, 2005, p. 10). Precisei decidir também em qual escola realizaria a pesquisa: a que leciono em Alvorada – há 7 anos - ou a que leciono em Viamão – há 3 anos? Decidi pesquisar na escola de Alvorada, pois leciono há mais tempo e já conheço a comunidade, o que poderia facilitar o acesso a alguma residência.

As crianças desta turma estão na faixa dos 7 aos 8 anos de idade e estudam no turno da tarde. Todas moram no entorno da escola. Ao longo do ano pude constatar, através da observação e da conversa com os alunos e com os pais/responsáveis, que, apesar da pouca idade, muitos alunos vão e voltam da escola a pé e sem um adulto por perto. Muitos pais, ou responsáveis, trabalham o dia todo e acabam deixando os filhos com irmãos mais velhos, na casa de parentes, amigos ou até mesmo sozinhos, outros ficam em creches ou em cuidadoras. Em alguns casos, há um responsável em casa que cuida da(s) criança(s), leva e busca na escola diariamente. Mas há outros que, mesmo havendo um responsável em casa, à(s) criança(s) foi dada autonomia de ir e vir da escola, do mercado, da rua.

A menina escolhida para ser participante da pesquisa está nos casos de minoria da turma, já que sempre tem pelo menos um responsável que cuida dela e dos irmãos, que leva e busca-os na escola. É a mãe e/ou a avó.

Para se alfabetizar, o aluno precisa conhecer os códigos e apropriar-se deles, mas também saber a sua função na sociedade. É importante observarmos como acontecem as práticas de letramento fora do ambiente escolar, pois através destas práticas o aluno experimenta o mundo da leitura e da escrita, percebendo a

necessidade dessas ações para a vida, assim como conhece os seus códigos, e pode desenvolver o hábito e o gosto pela leitura.

2 LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

Este trabalho está ancorado no conceito letramento como conjunto de práticas sociais que envolvem a escrita. Nessa perspectiva, encaixa-se a alfabetização como acesso aos códigos da escrita alfabética, tecnologia que permite certo tipo de organização de textos escritos, que, por sua vez, tornam-se relevantes de diversas maneiras nas trocas sociais de que participam os membros de grupos sociais letrados. Dentre esses membros, alguns serão alfabetizados; outros, não. Desse modo, partiremos, aqui, do princípio de que a alfabetização, como processo cognitivo, diz respeito ao domínio do código alfabético e é processo indissociável de práticas de letramento, ou seja, de relações com a cultura de escrita que advêm dos modos como um grupo social e seus membros alfabetizados lançarão mão de suas capacidades ligadas ao código escrito alfabético.

Assim, considerando a faixa etária e a experiência das crianças de minha turma de alunos, parto do entendimento de que sua experiência recente, escolar, com o código alfabético, encaixa-se em conhecimentos já adquiridos por meio de suas experiências cotidianas e que dizem respeito à escrita, tal como circula e é interpretada em seu grupo social. Dito de outro modo, embora as crianças do grupo de que faz parte a menina que participará da investigação aqui proposta estejam em estágios diversos de alfabetização, são crianças letradas, cujas práticas de letramento incluem aquelas presentes na escola, mas as excedem. Para a realização desta pesquisa, então, foi importante tratar dos conceitos-chaves que se fazem presentes na literatura referente a esta visão do letramento; nomeadamente, alfabetização, letramento, agências de letramento, eventos e práticas de letramento.

Para Magda Soares (2003, p. 92), “a alfabetização – a aquisição da tecnologia da escrita – não precede nem é pré-requisito para o ‘letramento’, ou seja, para a participação nas práticas sociais de escrita, tanto é assim que os analfabetos podem ter um certo nível de letramento”.

Ângela Kleiman (2005) define alfabetização como um conjunto de saberes sobre o código escrito da sua língua, que o indivíduo precisa saber para participar de outras esferas de atividade, não necessariamente escolares, e letramento como um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em todo o lugar.

Práticas de letramento são conjuntos de pautas culturalmente aprendidas, que envolvem os usos sociais da escrita. Tais práticas resultam nos sentidos atribuídos à escrita para certo grupo social, sentido este que é constantemente exibido e interpretado por meio das ações que os membros deste grupo desempenham em relação à escrita. Tais ações incluem os usos da escrita, os modos como textos escritos circulam – em que suportes, para que propósitos, quando – e as relações que atores diversos terão com textos escritos – quem faz o que com tais textos.

Assim, para o entendimento do que sejam práticas de letramento, é útil pensarmos na noção de evento de letramento. Isso porque, conforme Barton (2007 apud HENNIG, 2013), os eventos e as práticas de letramento são as duas unidades fundamentais para que se possa analisar a atividade social que diz respeito à escrita em um contexto determinado. Nas palavras do autor,

Eventos de letramento são as atividades particulares em que o letramento tem um papel; elas podem ser atividades regularmente repetidas. Práticas de letramento são as formas gerais, culturalmente determinadas, de utilizar o letramento, às quais as pessoas recorrem em um evento de letramento. (BARTON, 2007, p. 37 apud HENNIG, 2013, p. 24)

Ou seja, enquanto as práticas são interpretadas e gerais, os eventos são acontecimentos concretos e observáveis, no curso dos quais a escrita terá algum papel relevante. Conforme Silva (2012), os eventos de letramento são todos aqueles encontros sociais durante os quais um texto escrito se torna relevante em virtude de serem destacados pelos participantes em sua interação. Assim, pode acontecer de haver, no ambiente de alguém, portadores de textos escritos, mas tais materiais não serem tematizados de nenhum modo pelas pessoas presentes, caso em que haverá escrita no contexto, mas a cena não poderá ser interpretada como um evento de letramento, pois a escrita não se tornou relevante na interação. Por outro lado, pode acontecer de uma interação social ser tão somente oral, e não haver a presença material de um texto escrito no contexto, mas os participantes tornarem a escrita relevante, pois, na interação, a forma, o tópico, enfim, algum aspecto da fala refere-se à escrita, tornando-a relevante. Em resumo, um evento de letramento é um encontro

social no curso do qual a escrita é parte integrante do que se torna relevante, para os participantes, na interação. A participação em tais eventos, de certo modo, viabiliza experiências nas quais será possível reconhecer as regularidades das práticas de letramento, pois nos eventos de letramento, as pessoas agem, com relação à escrita, pautadas pelo conhecimento que têm, ou que estão construindo juntas, das práticas de letramento que subjazem a sua cultura de escrita.

Por fim, agências de letramento são os diversos espaços em que ocorrem os eventos e práticas de letramento, como a escola, a igreja, o posto de saúde, por exemplo. Cada agência de letramento, tipicamente, será o lugar social em que certas práticas de letramento são social e conjuntamente construídas. Luanda Sito define agência de letramento como

[...] instituições nas quais se promovem e constituem usos e valores para a escrita. Entre elas estão a família, o trabalho, as organizações e as associações educativas ou de lutas políticas, por exemplo; espaços nos quais, em muitas culturas, ocorre a socialização das pessoas com o texto escrito. (SITO, 2010, p. 22).

3 METODOLOGIA

Realizou-se em uma escola municipal de Alvorada um estudo de caso, de caráter qualitativo-interpretativo. A participante da pesquisa foi uma aluna do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, cujas atividades cotidianas foram observadas em sua casa durante um sábado. “A pesquisa qualitativa observa o fato no meio natural em que ocorre[...]” (JUNG, 2009 apud HENNIG, 2013, p. 33) e o que a faz ser qualitativa é “o enfoque interpretativo e não o procedimento de coleta de dados” (JUNG, 2009 apud HENNIG, 2013, p. 33).

Os instrumentos que possibilitaram a pesquisa foram anotações feitas a partir de uma conversa informal com a criança, análise de documentos da escola, anotações realizadas da observação participante do ambiente familiar na residência da criança, registros fotográficos e entrevista semiestruturada com os integrantes da família, tendo como participantes: a criança, os pais dela, o irmão, a irmã e a avó.

Os questionamentos que permearam a minha observação e a entrevista semiestruturada foram os seguintes:

- Quais portadores de texto há na casa? Onde são armazenados? Foram adquiridos como?
- Quais agentes de leitura estão presentes fora do ambiente escolar da criança?
- Há situações de leitura e/ou escrita na casa ou fora dela? Quais? Quem participa? Como acontecem?
- Alguém lia ou lê para a criança? Quem? Com que frequência? Qual o objetivo (lazer, informação, etc.)?
- Quando foi o primeiro contato da criança com um livro? Como aconteceu?

Após a coleta de dados realizou-se a análise reflexiva que será apresentada ao final deste artigo.

Mesmo esta sendo uma pesquisa simples sobre letramento, tem sua importância. Barton afirma que “Estudos de menor escala sobre práticas de letramento também são valiosos e podem ser uma das melhores maneiras de aumentar a compreensão das pessoas sobre letramento, ao refletirem sobre suas próprias práticas e as práticas em torno delas” (BARTON, 2007, p. 54 apud HENNIG, 2013, p. 36).

4 PERFIL DA TURMA

4.1 DOCUMENTOS DA ESCOLA

Analisei documentos da escola em busca de informações sobre as famílias dos alunos da turma de que faz parte a participante desta pesquisa. Os dados que pretendia obter eram os seguintes: escolaridade, ocupação/profissão dos adultos da família, local onde moram (é longe ou perto da escola), como vão e como voltam da escola.

Ao examinar as fichas dos alunos da turma pude verificar que há campo para preenchimento do nome do aluno, do nome e da profissão dos pais ou responsáveis, do endereço, do telefone e um campo para observações. As fichas não continham campo para preenchimento sobre como os alunos vão e voltam da escola e nem sobre a escolaridade dos pais/responsáveis.

Todas as fichas continham, obviamente, o nome do aluno e dos pais ou responsáveis, o endereço e, pelo menos, um telefone para contato. As observações

foram preenchidas em poucos casos, somente quando havia informação sobre algum problema de saúde. O campo sobre a profissão foi preenchido somente na ficha de 3 alunos. A primeira ficha que encontrei preenchida continha apenas a profissão da mãe como do lar, mesmo tendo o nome do pai na ficha. Na ficha de outro aluno, o pai constava como auxiliar de depósito e a mãe como doméstica. E na última ficha que encontrei preenchida sobre a profissão, estava registrado que o pai trabalhava com serviços gerais e a mãe era do lar. Desse modo, pode-se inferir, dos poucos dados obtidos, que a ocupação dos familiares das crianças envolvem contato de natureza operacional e informacional com a escrita, se tanto. Não há qualquer registro de pai ou familiares das crianças cujas atividades exijam escolarização de nível superior ou mesmo médio. Além disso, nenhum dos pais cuja profissão/ocupação foi registrada demanda a produção e a leitura de textos escritos como parte nuclear das exigências profissionais, salvo a manutenção de agendas, de apontamentos ligados a valores em dinheiro, entre outras de informação de caráter mais operacional.

4.2 A TURMA

A criança participante da pesquisa pertence a uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental com 32 alunos. A turma tem aula com a professora titular nas segundas, terças, quartas e sextas-feiras. Nas quintas-feiras, a turma tem aula com outras professoras, uma de Educação Física e uma de Arte-educação, e neste dia não tem aula com a professora titular.

Em relação à Alfabetização, é uma turma bem heterogênea. O nível de conhecimento dos alunos sobre o sistema de escrita é bem variado, estão no nível Pré-silábico 2 alunos, no nível Silábico 3 alunos, no nível Silábico-alfabético 2 alunos, no nível Alfabético 7 alunos e 18 já estão Alfabetizados. As pesquisas de Ferreiro e Teberosky (1991) nos permitiram um melhor entendimento do processo de aquisição da língua escrita e descrevem a progressão regular de suas hipóteses. Quanto à Matemática, a grande maioria desenvolve um bom raciocínio lógico em relação ao esperado para a faixa etária, e conseguem realizar os cálculos de adição e subtração, mesmo os alunos que têm dificuldade na área da linguagem.

Todos os alunos da turma são assíduos. Quando algum falta repetidamente em determinado período é por um motivo sério, como doença da criança ou de alguém da família, brigas de guarda entre pai e mãe, separação dos pais.

São bem participativos. Envolvem-se nas atividades propostas com entusiasmo, mesmo aqueles que estão nos níveis iniciais da alfabetização. Demonstram gostar bastante dos trabalhos em duplas e em grupos.

A turma é agitada, mas realizam as atividades encaminhadas pelas professoras. Eles conversam bastante e interagem demais uns com os outros. Dentro da sala de aula, às vezes ocorrem pequenos desentendimentos, por causa de empréstimos de materiais, de fofquinhas, de um não querer deixar o outro brincar, mas logo se entendem. Fora da sala de aula, geralmente no recreio, ocorrem desentendimentos um pouco maiores, como brigas ou brincadeiras de se empurrar que acabam não dando certo. Quase sempre respeitam as regras e combinações da turma.

São muito afetuosos, principalmente as meninas, demonstram constantemente o carinho escrevendo cartinhas para a professora, elogiando e abraçando.

4.3 A CRIANÇA

Diante de mais uma situação de escolha, desta vez para escolher um dos 32 alunos para participar da pesquisa, tive que pensar sobre algumas situações para tomar a minha decisão. Coloquei como critério a proximidade com a família, fato que poderia facilitar o meu acesso a residência para realizar a pesquisa. Dentre todas as famílias, há uma, em especial, que sempre esteve presente na escola, sendo muito prestativa, demonstrando afetividade e atenção para comigo e grande preocupação com a educação das crianças. Estas características são da família de Laura, a qual escolhi para ser a criança participante desta pesquisa.

Todos os dias a avó, Adelaide, ou a mãe, Cristina, levava e buscava Laura na escola. E com frequência conversavam comigo, às vezes, para saber como Laura estava na escola (em relação à aprendizagem e ao comportamento), ou para doar algum material para a turma (já doou livros infantis, jogos pedagógicos, alfabeto móvel), ou para oferecer ajuda, ou para dar algum agrado comestível, como bolo, por exemplo. É uma família que, notavelmente, dá valor à educação, incentivando as

crianças a fazerem os temas, a estudar mesmo quando não tem prova e a não faltar aula.

Laura tem 8 anos, completados em outubro deste ano. Em relação a sua aprendizagem, já está alfabetizada e desenvolve um bom raciocínio lógico-matemático, atingindo todos os objetivos propostos para o segundo ano.

Ela é assídua e pontual nas aulas. Participa ativamente das atividades propostas pelas professoras, está sempre disposta a responder os questionamentos feitos e também gosta de ir ao quadro escrever durante a correção e/ou resolução de exercícios. Realiza todas as atividades rapidamente, mas conversa bastante, tendo sempre que ser chamada a atenção para diminuir a conversa e não distrair as colegas que estão a sua volta.

Poucas vezes se envolveu em desentendimentos, quando ocorreu foi por causa de fofquinhas entre meninas. Costuma respeitar as regras e combinações da turma. Tem um bom relacionamento com todos os colegas, mas tem seu grupo principal de amizade formado por quatro meninas que se sentam próximas e estão sempre trocando bilhetinhos com recadinhos carinhosos de amizade.

É muito afetuosa também com a professora. Costuma demonstrar o seu carinho através de cartinhas, elogios, abraços e beijos durante as aulas.

5 RELATO DA VISITA

Ao chegar na casa da menina, por volta das 11 horas da manhã de um sábado, chamei pelo seu nome, já que não havia campainha. Uma criança apareceu na porta e gritou: “a professora da Laura chegou”. Imediatamente três crianças correram até o portão para me receber: Laura, seu irmão Rael, de 10 anos, e sua irmã Luiza, de 11 anos.

Mostraram-me rapidamente o pátio, que é formado por dois terrenos, e alguns cômodos da casa (uma sala, três quartos, um banheiro) até chegar à cozinha, onde estava Adelaide, a avó das crianças, assando uma cuca de abacaxi para o café da tarde. Em seguida, chegou Cristina, a mãe das crianças. Ela contou que foi no mercadinho perto de casa comprar água, pois as crianças tiveram, na semana anterior, dor de cabeça e outros sintomas que indicavam que a água não estava boa

para beber. Enquanto a mãe e a avó faziam a comida para o almoço, tentávamos iniciar uma conversa, mas fomos interrompidas por uma mão me puxando pelo braço, ansiosa para me mostrar seu quarto em detalhes.

Laura me levou até seu quarto, o qual divide com seus irmãos; mostrou sua cama, seu roupeiro, os brinquedos, as bonecas. Os irmãos quiseram mostrar também os seus pertences. Levou-me ao quarto de sua mãe para mostrar os seus livros, e lá me deparei com uma pequena estante improvisada (na verdade era uma parte do roupeiro) cheia de livros. Alguns doados pela ex-patroa da mãe, outros comprados pela avó ou pela mãe. Ela foi logo me mostrando o livro de que mais gosta, um livro cheio de pequenas histórias chamado *4 Estações*, escrito por Onorino Ângelo de Marchi, da Editora Cia de Livros, que a mãe lia para eles antes de dormirem, quando eram menores. Mostrou os livros que sua avó comprou há algumas semanas na feira do livro de Alvorada, explicando que ainda não leram todos.

A avó fez questão de mostrar-me o livro *Fantástica fábrica de brinquedos com sucata*, escrito por Heliana Brandão, que ela deu para os netos. Eles abriram o livro para mostrarem quais brinquedos já haviam feito.

Em determinado momento, Luiza lembrou que ela e Laura tinham inventado uma história e que a escreveram no computador, perguntou se eu queria ver, e é claro que eu quis. Era uma história simples e de poucas linhas, ainda inacabada, conforme elas mesmas relataram (Figura 1).

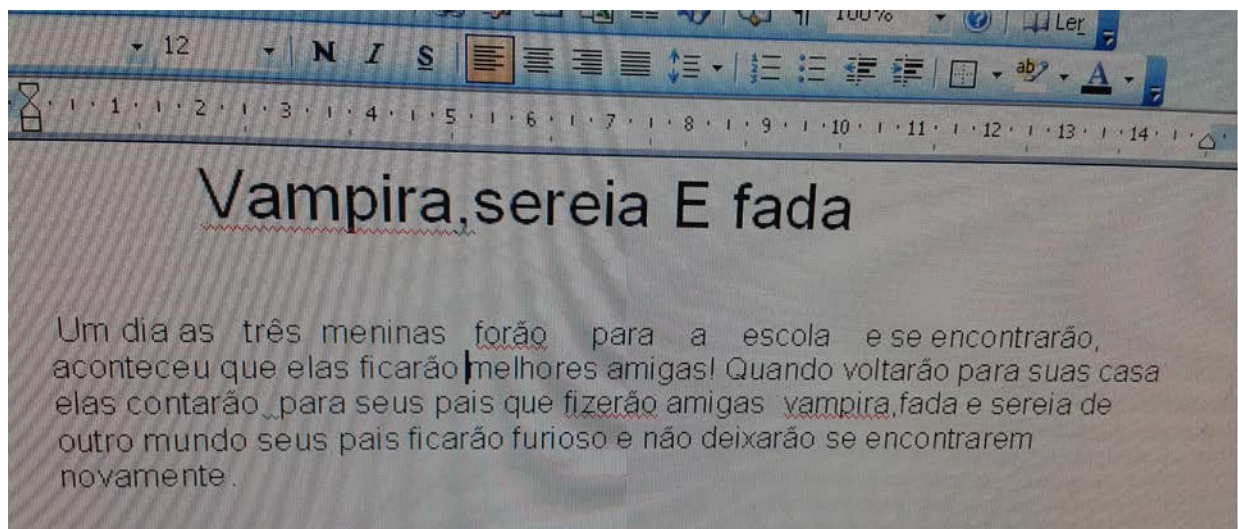


Figura 1 – História escrita por Laura e sua irmã Luiza no computador.

As crianças e eu ficamos na sala conversando e elas me mostrando tudo que achavam legal em casa. Mostraram uma gaiola com cinco calopsitas. Mostraram os brinquedos de sucata que já fizeram a partir do livro citado anteriormente.

Por volta das 13 horas e 40 minutos a mãe chamou para o almoço. Todos sentaram-se à mesa, sem nenhum ritual aparente. A mãe serviu os dois filhos mais novos. Durante o almoço, houve diversos diálogos, mas nada que remetesse a algo relacionado à pesquisa. Ao terminar o almoço, sentamos na sala para conversarmos.

Em seguida, Rael, o pai das crianças, chegou do trabalho, apresentou-se a mim e conversou um pouco com as crianças. A mãe arrumou o almoço para ele, enquanto nós, que já havíamos almoçado, fomos comer a sobremesa. Depois o pai foi para o quarto descansar. A mãe, a avó, as crianças e eu fomos para o pátio.

No primeiro pátio fica a casa, garagem para o carro e um espaço para brincarem e montarem uma piscina de plástico em dias quentes. No segundo pátio, há algumas árvores, muitas flores plantadas pela avó, uma horta também cultivada pela avó e um cachorro, que estava preso por ter visita na casa. A mãe foi mostrar-me a horta, enquanto as crianças brincavam pelo pátio, correndo e subindo nas árvores. Nesta horta, há vários temperos, raízes comestíveis e outros alimentos. Sentamos à frente da casa, conversamos mais um pouco. As meninas resolveram pegar o livro *Fantástica fábrica de brinquedos com sucata* (Figura 2), folhearam-no até escolherem um brinquedo para construir, separaram os materiais, colocaram tudo no chão da sala e foram construí-lo. O menino Rael ficou só observando e depois resolveu ir para o quarto jogar videogame.

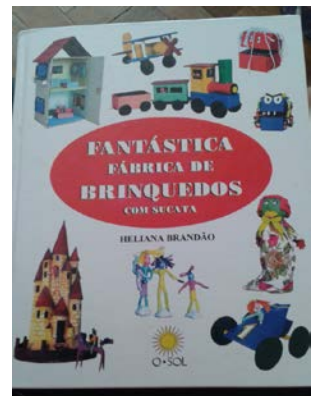


Figura 2 - Livro *Fantástica fábrica de Brinquedos com sucata*, de Heliana Brandão.

Por volta das 16 horas, a avó chamou todos para tomarem café da tarde. As crianças interromperam suas atividades deixando tudo onde estava, o pai saiu do quarto e todos sentaram-se à mesa. Novamente, sem ritual aparente. A mãe serviu os filhos menores. Todos comiam alegremente, aconteciam conversas paralelas entre vários que ali estavam sobre assuntos diversos, como a comida que estava sobre a mesa, o trabalho do pai, a semana que passou, etc.

Depois do café, as crianças foram para o quarto brincar com o pai de guerra de travesseiro. A mãe contou que o pai das crianças trabalha na praia há, aproximadamente, 2 anos, em obras de condomínios de luxo, colocando gesso em diversas casas. Ele trabalha a semana toda e só volta para casa nos finais de semana, e que por isso as crianças sentem muita falta dele e, quando ele está em casa, segundo ela, “é essa folia”. Aproveitei este momento para conversar com a mãe

sobre algumas questões que não consegui saber somente com a observação. Depois de brincarem bastante com o pai, as crianças saíram do quarto. O menino Rael voltou para o videogame e as meninas para a sala terminar o brinquedo de sucata que estavam construindo.

A avó convidou-me para ver a horta novamente e as flores que ela plantou. Contou-me que está viúva há dois anos. Desde então está morando com a filha em Alvorada. Voltamos para a sala. A mãe contou-me que parou de trabalhar há um ano, pois o filho fez uma cirurgia e optou por cuidar dele. E como ele também estava com dificuldade para se alfabetizar e já estava no terceiro ano, poderia ajudá-lo em casa. Segundo ela, até outubro ainda tinha um alfabeto, um silabário e os números até 100 colados na parede da sala, para que ele estudasse todos os dias.

A hora passava e chegara o momento de eu ir embora. Por volta das 19 horas me despedi de todos da casa. As crianças, a mãe e a avó me acompanharam até o portão e ficaram observando-me até que não pudéssemos mais nos vermos.

6 A LEITURA ESTÁ PRESENTE NA VIDA DE LAURA?

Os primeiros contatos de Laura com a leitura aconteceram logo na tenra idade. Ela tinha livrinhos de banho e de pano e com menos de um ano, Laura já ouvia histórias, contadas pela sua mãe, Cristina. Mas, segundo esta, fazia as leituras apenas duas vezes por semana, pois trabalhava e não sobrava muito tempo para a leitura.

Há alguns anos atrás, a família tinha o hábito de fazer a leitura diária do “Evangelho no lar” - um livro com uma história verídica e um trecho bíblico para serem lidos a cada dia do ano – mas, Laura não parava muito para ouvir, pois era pequena.

Cristina relatou que lia bastante para as crianças, mas hoje, geralmente, elas mesmas leem, pois já estão alfabetizadas. Por muito tempo, lia a cada noite uma história diferente do livro *4 Estações*, da Editora Cia de Livros (sem autor), o qual contém uma história para cada dia do ano. Diversas vezes as crianças pediam que a mãe contasse mais histórias ou que repetisse histórias do mesmo livro, visto que gostavam muito de ouvir histórias. Em outros momentos, queriam que a mãe

inventasse histórias ao invés de lê-las, e ela aproveitava a situação para inventar histórias que trouxessem algum ensinamento.

Certa vez, Cristina ganhou de sua chefe uma coleção de livros da Disney com 4 volumes, que também continham uma história para cada dia do ano. Começou a ler para os filhos, mas não leu o livro todo. As histórias tinham muitos diálogos ou trechos de filmes, o que dificultava o entendimento das crianças e elas achavam chato.

Quando as crianças eram bem pequenas a família não possuía muitos livros, mas apesar disso, podemos perceber que a leitura sempre esteve presente na vida de Laura.

6.1 QUEM LÊ EM CASA?

A mãe relatou que gosta de ler livros de terapia holística, porém, ultimamente, está lendo mais livros infantis. Disse, também, que gostaria de ler mais, mas não tem muito tempo, devido aos afazeres domésticos e aos cuidados e atenção que tem que dedicar a sua mãe e às crianças. Rael, o pai das crianças, só está em casa nos finais de semana, ele gosta de ler jornal, mas não costuma ler, pois quando está em casa prefere descansar e ficar com os filhos. A avó lê a revista Saúde, da Editora Abril, que chega mensalmente na casa, a qual a família assina há 2 anos. Cristina salientou que a assinatura está por vencer e que pretendem renovar.

As crianças leem livros de segunda a sexta no período da manhã, no momento de fazer os temas, que dura em torno de uma hora. Quando é semana de prova, fazem os temas à noite e estudam de manhã. Quem não tem tema escolhe os livros que quer ler. Geralmente leem na mesa da cozinha, mas podem ler em outro lugar da casa se quiserem. Nos finais de semana não tem horário fixo para leitura e estudo, mas, às vezes, as crianças pegam livros para ler espontaneamente.

7 QUE FUNÇÕES TÊM O TEXTO ESCRITO NA VIDA FAMILIAR DE LAURA?

O texto escrito assume diferentes funções na vida de Laura. São elas: Instrumental, Escolar e Lúdica.

As crianças da casa gostam bastante de ler. Mas, Laura e Rael recém entraram neste mundo e estão encantados, leem tudo o que veem pela frente, até mesmo o que chega na caixinha do correio como contas, encartes e panfletos de propaganda. Cristina demonstra sua preocupação com o futuro quando quer que as crianças saibam sobre as contas da casa e diz: “Tento pôr eles dentro da realidade. Um dia vão ter família, precisam se preparar, o futuro um dia vai chegar.”.

Na rua, gostam de ficar lendo tudo que veem. Leem placas, nomes de lojas, cartazes colados nos muros e nos postes. No posto de saúde leem os cartazes colados nas paredes. Nos ônibus leem os cartazes colados nos vidros. Quando param de carro nas sinaleiras, pegam os panfletos de imóveis, pois têm curiosidade em saber do que se tratam.

7.2 ESCOLAR

É quando o texto, de alguma forma, remete aos usos escolares ao ser utilizado pela família, como o uso do computador para fazer trabalhos da escola, utilizar cartazes para estudar ou o horário fixo de leitura.

Luisa, a filha mais velha, é quem mais usa o computador para fazer trabalhos escolares. Este ano a proposta de sua professora foi montar algo parecido com um livro, no qual cada aluno teria registrado todas as suas produções textuais feitas ao longo do ano. As produções eram manuscritas e algumas digitadas, depois de tudo organizado, foram encadernadas, formando o “livro”.

Cristina contou que até pouco tempo, tinha colado na parede de casa um alfabeto, um silabário e os números até 100, para que as crianças pudessem estudar, e para ajudar, principalmente, o menino Rael que estava com dificuldade em alfabetizar-se. Ela resolveu tirar os cartazes da parede porque Rael já superou suas dificuldades escolares. Na casa tinha muitos materiais para ajudar no estudo dos filhos, alguns comprados pela mãe e outros ela mesma pesquisou na internet e em livros e os confeccionou. Havia, também, revistas de caça-palavras e cruzadinhas, coleções de livros que são destinados a professores, os quais ela comprou para que as crianças resolvessem os exercícios no próprio livro, relógio para ensiná-los a ver as horas, almanaques com muitas atividades, jogos pedagógicos, histórias recortadas de livros velhos plastificados com papel auto-adesivo.

O horário fixo para leitura é um momento de estudo estipulado pela mãe bem característico de práticas escolares. Apesar da aparente rigidez no horário da leitura, a mãe diz que as crianças gostam de ler e que estes momentos foram construídos na família e, por isso, acontecem naturalmente.

7.3 LÚDICO

É quando o texto assume a função de divertir e participa dos momentos de lazer da família, como nas brincadeiras de ler para as bonecas, ao pesquisar músicas na internet, ao ler para cantar no karaokê, na construção dos brinquedos com sucata, nos passeios.

A escrita, a leitura e a ludicidade estão presentes quando Laura e sua irmã brincam de fazer livrinhos para as bonecas com folhas de caderno. Quando inventam uma pequena história e a escrevem no computador, mesmo esta sendo simples. Quando a família canta utilizando o aparelho de karaokê que tem em casa e torna este um momento de integração da família em que a leitura está presente. Quando pesquisam letras de músicas na internet, geralmente, de novelinhas infantis que assistem na TV a cabo e que são em Espanhol. Quando constroem diversos brinquedos de sucata a partir do livro *Fantástica fábrica de brinquedos com sucata*, de Heliana Brandão, que ensina como fazer.

Nos momentos de lazer fora de casa também podem aparecer situações de leitura e escrita. Nos finais de semana, costumam visitar a casa de parentes, pois tem crianças para Laura e os irmãos brincarem. Algumas vezes, vão jantar em lancheria ou pastelaria. Vão a parques de diversão. Já foram em cinema e teatro, mas não é comum.

A família frequenta um Centro Espírita em Porto Alegre, no qual Rael, o pai, é um dos médiuns. Um dia na semana, o pai volta do litoral, onde trabalha, e a família vai de carro até o local. Quando o pai não consegue voltar, a família não vai ao Centro Espírita, pois fica difícil ir de ônibus. Segundo Cristina, neste lugar não tem um atendimento específico para criança, ficam todos num mesmo ambiente. Um dos médiuns faz a leitura de um trecho bíblico, depois tem uma palestra tratando sobre o que foi lido e relacionando com algum fato que aconteceu na semana. Ao final, é aberto espaço para que sejam feitas perguntas e, após, todos que ali estão podem

receber o passe - Cristina explicou que é uma imposição de mãos feita pelos médiuns sobre a pessoa que está a sua frente, em que eles falam bem baixinho, como que para si mesmos, um tipo de oração desejando coisas boas.

8. FANTÁSTICA FÁBRICA DE BRINQUEDOS COM SUCATA

O livro *Fantástica fábrica de brinquedos com sucata* participa de momentos lúdicos na vida de Laura nos quais ela e seus irmãos utilizam-no para brincar de construir objetos com sucata. E se mostrou presente também durante a visita.



Figura 4 - As crianças escolhendo qual brinquedo fazer com sucata.

Enquanto eu conversava com Cristina, as meninas resolveram pegar o livro, folhearam-no até escolherem um brinquedo para construir (Figura 4). Escolheram um elefantinho (Figura 5) que, segundo as orientações do livro, deveria ser feito utilizando rolo de papel higiênico, tinta, folha de ofício e cola. Separaram os materiais, colocaram tudo no chão da sala e foram construí-lo (Figura 6).



Figura 5 - Página do livro em que aparece o elefantinho escolhido pelas meninas.



Figura 6 – Laura e Luiza construindo o elefantinho com sucata, no chão da sala.

Quando a avó chamou para tomar café da tarde, as crianças deixaram tudo onde estava. Depois do café, voltaram para a sala, terminaram o brinquedo e arrumaram a bagunça. Além do elefentinho, fizeram questão de mostrar-me um barquinho (Figura 7) e um porta-treco (Figura 8), feitos dias antes, também com as orientações do livro.



Figura 7 – Barquinho feito com sucata.



Figura 8 – Porta-treco feito com sucata.

9 NA VIDA FAMILIAR DE LAURA, QUE VALORES PARECEM ESTAR ASSOCIADOS À ESCRITA?

A família demonstra preocupar-se com a educação dos filhos em muitos aspectos, não somente escolares. Cuidam com quem as crianças têm amizade, não deixam brincar na rua, controlam de perto as músicas que ouvem em casa e as que pesquisam na internet, como também os programas que assistem na televisão. A mãe salienta que assinam TV a cabo, para terem em casa programas infantis de qualidade e quase não assistem televisão aberta.

A mãe parece especialmente empenhada com o sucesso escolar dos filhos, incentiva a estudarem mostrando a importância de tal atitude para suas vidas, inclusive ao demonstrar certa rigidez e exigência com relação ao horário de estudo e do tema de casa.

A família investe financeiramente na educação dos filhos, quando Cristina e sua irmã vão até Porto Alegre para comprar vários livros direto em uma distribuidora. Quando vão à Feira do Livro de Alvorada portando 2 vale-compras (no valor de R\$20,00 cada), dado pela prefeitura a cada estudante da rede municipal de ensino

para ser gasto com livros na Feira, e resolvem comprar livros que ultrapassam o valor dos vales. Quando compram também gibis para as crianças, mas a mãe relata que não compram gibis do Cebolinha e do Chico Bento, pois eles falam errado e não quer incentivar as crianças a falarem da mesma forma, já que o filho Rael tem dificuldade para pronunciar alguns fonemas.



Há muitos portadores de texto na casa, mas a maior parte são livros, principalmente infantis, que são guardados numa parte do roupeiro do casal (Figura 9), e as crianças fizeram questão de mostrar-me. Neste mesmo roupeiro, há mais prateleiras com outros materiais portadores de texto, como apostilas, cadernos, livros didáticos, livros adultos, CD com Hinos Pátrios, etc. (Figura 10)

A leitura e a escrita estão presentes na vida de Laura de diversas formas e através de muitos portadores, como calendário, CDs, DVDs, revistas, jornais, computadores, sites de músicas, listas, vídeo game, televisão, livros infantis, livros adultos, livros didáticos, polígrafos escolares, cadernos, panfletos, cartazes, placas e receitas.



10 CONCLUSÃO

Meu papel de professora levou a família a "exibir" práticas de escrita que considera positivas. Isso seria impossível se a família não as tivesse. Soube selecionar memórias muito pertinentes, o que demonstra uma relação bem sólida com a escrita e uma concepção clara do que é para "dizer à professora".

Com esta pesquisa eu pude conhecer um pouco mais sobre o cotidiano em que se insere a minha aluna Laura e as práticas de letramento as quais ela participa.

Percebi o quão importante é conhecer o ambiente familiar dos alunos para poder pensar e repensar sobre a minha prática enquanto professora. Senti-me gratificada por participar de um dia junto à família de Laura e este sentimento fez nascer em mim o desejo, e mais do que isso, me fez enxergar a necessidade de conhecer a casa de todos os meus alunos, ainda nos primeiros meses de aula, para que, a partir das visitas, eu possa estar planejando os próximos passos, pois “o conhecimento sobre práticas de leitura e escrita não escolares [...] é essencial para orientar o trabalho da escola, de modo que cumpra mais adequadamente sua missão de principal agência de alfabetismo em nossa sociedade” (RIBEIRO, 1998, p. 12).

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

HENNIG, R. **Interagindo com a escrita: oficinas de contação de histórias para crianças da Ilha das Flores**. Porto Alegre: UFRGS, 2013, 82 f. Monografia (Graduação Licenciatura em Letras Português-Alemão), Porto Alegre, 2013.

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso “ensinar” o letramento?: Não basta ensinar a ler e a escrever?** Campinas: Rever, 2005. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT10-4848--Int.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2013.

_____; MATÊNCIO, Maria de Lourdes M. Apresentação. In: _____ **Letramento e formação do professor**. Campinas: Mercado de Letras, 2005. P. 7-16.

RIBEIRO, Vera Masagão. Alfabetismo e atitudes. Pesquisa junto a jovens e adultos paulistas. **Revista Brasileira em Educação**, v. 9, n. 9, P. 5-15, set/dez. 1998.

SILVA, Bibiana Cardoso da. **É na creche que se aprende a ir pra escola: um estudo sobre as orientações de letramento das crianças em uma creche comunitária na periferia de Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 2012, 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Porto Alegre, 2012.

SITO, Luanda Rejane S. **“Ali tá a palavra deles”**: um estudo sobre práticas de letramento em uma comunidade quilombola do litoral do estado do Rio Grande do Sul.

Campinas: UNICAMP, 2010, 189 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada).
Campinas, 2010.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.)
Letramento no Brasil. São Paulo: Global, 2003. P. 89-113.